



**Franciane Loise Lopes**

**A FIGURA CLERICAL EM DOIS TEMPOS: do heroísmo  
em *Eurico, o Presbítero* ao sacerdócio por conveniência em *O  
Crime do Padre Amaro***

**Lavras – MG**

**2021**

Franciane Loise Lopes

**A FIGURA CLERICAL EM DOIS TEMPOS: do heroísmo em *Eurico, o Presbítero*  
ao sacerdócio por conveniência em *O Crime do Padre Amaro***

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roberta Guimarães Franco Faria de Assis

**Lavras – MG**

**2021**

## RESUMO

Este trabalho busca fazer um paralelo na apresentação da imagem do padre entre duas obras de períodos e tendências literárias distintas do século XIX português: *Eurico, o Presbítero* de Alexandre Herculano, e *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós. O propósito é compreender como a figura do padre é construída na narrativa de cada autor. Demonstrar como Herculano, o autor precursor do romance histórico em Portugal e adepto do romantismo, construiu a figura de Eurico e que fatores histórico-sociais contribuíram para tanto. Da mesma forma, compreender o processo de criação de Eça de Queirós, de tendência Realista, que deu vida ao polêmico Padre Amaro. Para tal propósito, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, analisando além das obras em si outros trabalhos acadêmicos de autores como Candido (1964) “Entre campo e cidade”, Brandão e Junior (2014) “Por uma estética da conciliação: O Crime do Padre Amaro e a dinâmica político-social portuguesa oitocentista”, Alves (2012) “Eurico, O presbítero: o sacerdote-guerreiro entre a literatura e a história” que servem como fonte para que se possa compreender a temporalidade em que foram criadas estas obras, a influência do contexto social e as singularidades de cada estilo literário em cada texto e, por fim, confrontar tais aspectos de cada um dos protagonistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romantismo; Realismo; Alexandre Herculano; Eça de Queirós; Clero.

## ABSTRACT

This study aims to draw a parallel in the presentation of the priest's image between two works from different periods and literary trends of the Portuguese nineteenth century: *Eurico, o Presbítero* by Alexandre Herculano, and *O Crime do Padre Amaro*, by Eça de Queirós. The purpose is to understand how the figure of the priest is constructed in each author's narrative. Demonstrating how Herculano, the forerunner of the historical novel in Portugal and a fan of romanticism, built the figure of Eurico and what historical-social factors contributed to it. In the same way, to understand the creation process of Eça de Queirós, with a realistic tendency, which gave life to the controversial Padre Amaro. For this purpose, a bibliographical research was developed, analyzing, in addition to the works themselves, other academic works by authors such as Candido (1964) "Entre campo e cidade", Brandão and Junior (2014) "Por uma estética da conciliação: O Crime do Padre Amaro e a dinâmica político-social portuguesa oitocentista", Alves (2012) "Eurico, O presbítero: o sacerdote-guerreiro entre a literatura e a história" that serve as a source for understanding the temporality in which these works were created, the social context influence and each literary style singularities in each text and finally confront such aspects of each of the protagonists.

**KEYWORDS:** Romanticism; Realism; Alexandre Herculano; Eça de Queirós; Clergy.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. ALEXANDRE HERCULANO E O ROMANTISMO.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1. <i>Eurico, o Presbítero</i>: amante-padre-cavaleiro.....</b>	<b>11</b>
<b>3. EÇA DE QUEIRÓS E O MOVIMENTO REALISTA.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1. Discutindo a obra “<i>O Crime do Padre Amaro</i>”.....</b>	<b>19</b>
<b>4. EURICO E AMARO, DO HERÓI AO ANTI-HERÓI.....</b>	<b>24</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura não permanece alheia ao tempo. Durante toda a história da humanidade é possível perceber que ela, em cada período, é perpassada e configurada pelo contexto social, por lutas sociais, pelos valores culturais, relações humanas e por outras características que são próprias do contexto histórico. Estes fatos, portanto, são partes indissociáveis da literatura, influenciando o aparecimento de cada novo estilo e tendência literária.

Este trabalho tem como objetivo promover uma discussão em torno da figura do padre em obras de tendências literárias distintas no contexto do século XIX português. Primeiramente visamos entender o contexto sócio-histórico do Romantismo português, logo em seguida, conhecer o autor Alexandre Herculano e seu processo de criação, apresentar a obra *Eurico, o presbítero* e discutir os aspectos do personagem padre dentro da obra. A segunda fase do trabalho segue o mesmo método, porém desta vez voltado para o Realismo e o autor Eça de Queirós na obra *O Crime do Padre Amaro*, visa conhecer, por fim, o anti-herói e os aspectos que incidiram em sua formação.

Na conclusão, objetivamos compreender a formação da imagem clerical constituída em dois movimentos literários distintos: primeiro com o padre de Alexandre Herculano nos moldes do Romantismo, construído como figura de herói, ressaltando seus princípios éticos e morais impecáveis para estabelecer uma narrativa nacionalista. Em segundo lugar, com o padre de Eça de Queirós dentro do movimento Realista, em que o personagem torna-se padre por conveniência, expressando uma dura crítica especialmente ao clero.

Para tal propósito foi realizada a análise de materiais bibliográficos e autores que se interessaram pela construção de tais obras e procuraram entender como os autores se inserem no período e o cenário histórico que propiciou em Portugal o desenvolvimento dos respectivos movimentos literários. O que vamos constatar é que as figuras clericais se caracterizam de formas distintas, cada um em consonância com o movimento literário a que pertence.

As figuras clericais das obras de Alexandre Herculano e de Eça de Queirós serão os objetos de estudo deste trabalho, pois através da caracterização de cada um, das ações e relações dentro da trama é que poderemos compreender o que eles representam, levando em consideração os movimentos literários em que se inserem, e porque se constituem da forma como são. Veremos que apesar de ambos serem padres, a construção literária não

é limitada ao posto que ocupam como membros da Igreja Católica, pois os aspectos morais diferenciam consideravelmente Eurico e Amaro, sendo o primeiro um padre-guerreiro e o segundo considerado um anti-herói. A análise das obras, dos elementos que as englobam e detidamente das figuras dos padres será para nosso estudo o ponto de partida para assimilar os elementos que fazem de um texto parte de um movimento ou outro.

Outro aspecto que foi constatado neste trabalho é que cada narrativa possui uma função também social, tornando-se instrumento de participação na sociedade, seja como forma de resgatar as raízes históricas, ou mesmo como crítica do seu tempo. Portanto, ambos autores, a sua maneira, procuram estabelecer um diálogo de seus textos com o cotidiano da sociedades portuguesa.

Os textos aos quais recorreremos para trabalhar o padre criado por Alexandre Herculano foram: *O romance histórico de Alexandre Herculano* (2012), de Maria de Fátima Marinho; *Alexandre Herculano: heróis públicos* (2016), de Helena Carvalhão Buescu; *A estrutura mítica do herói em Eurico, o Presbítero* (1979), de Lélia Duarte; *Eurico, o presbítero: o sacerdote-guerreiro entre a literatura e a história* (2012), de Murilo Alves e *História da literatura portuguesa* (1960), de Antônio José Saraiva e Oscar Lopes. Para compreender o personagem e a narrativa de Eça de Queirós utilizamos: *Por uma estética de conciliação: O Crime do Padre Amaro e a dinâmica político-social portuguesa oitocentista* (2014), de Marcela de Sá Brandão e Virgílio Coelho de Oliveira Júnior; *Entre campo e cidade* (2006), de Antônio Candido; *Eça de Queirós por Antônio Candido: Entre campo e cidade* (2006), de Antônio Augusto Nery; *A crítica de Eça de Queirós ao clero e a sociedade lisboeta oitocentista* (2012), de Eloi Andre Tinks, *Amaro: o anti-herói naturalista* (2014), de Rondinele Aparecido Ribeiro, *No traço da fantasia, despir o real: uma análise sociológica do Realismo de Eça de Queirós* (2021), de Hanna Andressa do Carmo Furtado Oliveira e *Anticlericalismo em mutação: as três versões de “O Crime do Padre Amaro” (1875-1876-1880), de Eça de Queirós* (2014), de Aline Leal Mota.

Contextualizados pelos fatos que fomentaram a construção deste trabalho, interessa-nos neste momento fazer um paralelo entre a figura do padre de Herculano e de Eça, no período do Romantismo e do Realismo, para constatar as singularidades e disparidades de tais personagens e que fatos sócio-históricos influenciaram na construção destas figuras.

## 2. ALEXANDRE HERCULANO E O ROMANTISMO

O Romantismo em Portugal data do início do século XIX e, assim como no resto da Europa, foi uma tendência literária que se incitava uma liberdade artística, oposta aos modelos neoclássicos. Havia um movimento crescente de valorização dos ideais iluministas que buscavam uma maior liberdade de expressão para a literatura e para as artes. Neste período, em toda Europa assim como também em Portugal, houve uma desestruturação na relação entre o clero e a monarquia, tornando o cenário favorável para que a classe burguesa adquirisse mais influência no meio político e econômico.

Portugal passava por um momento de grande instabilidade política ocasionado pela Revolução Francesa (1789), principalmente. Com a invasão dos franceses nas terras portuguesas, a família real se viu obrigada a fugir para o Brasil, deixando Portugal desguarnecido administrativamente. Em 1808, a realeza transfere-se para o Brasil deixando Portugal sujeitado às tropas francesas. Neste cenário de instabilidade, acontece a Revolução Liberal do Porto (1820) em que um grupo formado por burgueses, militares e monarcas, da cidade do Porto, insatisfeitos com a situação em que o país se encontrava, passaram a reivindicar, entre outras exigências, o retorno da corte e a criação de uma nova constituição que limitasse os poderes do rei.

O enfraquecimento do absolutismo e ascensão da burguesia propiciava a formação de uma nova geração de escritores que, tomada pelos princípios da liberdade, buscava uma literatura nacionalista e menos engessada nos modelos anteriores. Assim surgem, no cenário literário e político, figuras como Almeida Garret e Alexandre Herculano, consideradas responsáveis pela inserção do Romantismo em Portugal.

O movimento literário romântico não surgiu simplesmente com o término dos modelos clássicos, mas introduz-se em paralelo aos movimentos clássicos que vinha definindo e perdendo forças. Havia naquele período um conflito literário entre escritores que defendiam a forma e modelos das tendências clássicas e outros autores com influências iluministas que criavam obras de uma nova literatura que permitia maior liberdade ao escritor para suas composições. Moisés (1977 *apud* ALVES, 2012) esclarece a respeito da forma como surgiu o movimento romântico.

A introdução e aceitação das ideias românticas, quer dizer, do Romantismo (1825-1865), em Portugal, não ocorreu de forma acabada e unânime, acontecendo somente após a sucessão de D. João VI. Contribuíam para esse impedimento uma reação conservadora de pessoas educadas segundo os ditames clássicos e absolutistas. Essa reação se fez sentir nos primeiros românticos portugueses, quais foram Almeida

Garrett, Antônio Feliciano de Castilho e Alexandre Herculano, que se uniram em torno do movimento [...]. (MOISÉS, 1977 *apud* ALVES, 2012, p. 265-266)

O Romantismo se desenvolve, portanto, como uma literatura inovadora e contraditória, se comparada ao movimento anterior, propondo um certo rompimento com os modelos dos estilos clássicos e permitindo grande liberdade artística e criacional, ou seja, passou a vigorar estruturas diversificadas, gêneros híbridos e o autor passou a contar com uma grande liberdade de imprimir ou projetar sentimentos pessoais no texto. Alves (2012) procura formalizar uma definição de como esta literatura se constitui.

Do ponto de vista da teoria, crítica e história literárias é uma reação aos princípios clássicos que impõe regras, modelos e normas. Desse modo, apregoa a liberdade total na criação literária, e defende o hibridismo dos gêneros literários. Ao pretensão universalismo clássico vai opor um conceito de arte individualista, ou seja, focada no “eu” interior do artista. Em síntese, à razão clássica vai opor o “culto das razões do coração”, isto é, em vez do racionalismo, o sentimentalismo; em vez da especulação, a imaginação. (ALVES, 2012, p. 265)

Portanto, a nova literatura do início século XIX surge em um tom bastante intimista e tomando como base os princípios da liberdade. O escritor passa a ter neste momento uma maior autonomia em relação ao processo, gênero e forma e a dominar o modo como ele se configura na obra, podendo imprimir de forma mais ampla sentimentos próprios, ou seja, criando sem as fronteiras do modelo anterior.

Neste contexto em que a sociedade portuguesa vivenciava conflitos diversos e uma reestruturação do regime e encontrava-se com a identidade nacional abalada, surgem autores como Almeida Garret e Alexandre Herculano, que através de sua literatura procuravam ressignificar o sentimento nacionalista. Herculano teve participação ativa como jornalista e crítico dos fatos históricos vivenciados no início do século XIX. A seguir conheceremos mais profundamente este autor.

Alexandre Herculano foi o precursor do romance histórico português, e tornou-se evidente também no campo historiográfico em obras como *Cartas sobre a História de Portugal* (1842), *Apontamentos para a História dos Bens da Coroa e Forais* (1843-44) e *História de Portugal* (1846). Suas obras literárias, construídas em estreito diálogo com a pesquisa histórica, demonstravam este lado do autor comprometido com a esfera social.

Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo nasceu em Lisboa, na data de 28 de março de 1810. De origem humilde, principiou seus estudos no Colégio dos padres de São Filipe Néri. No entanto, por falta de fundos, não foi possível sua entrada na universidade, O que levou Herculano a optar por um curso de diplomacia que realizou na

Torre do Tombo. Participa da Revolta Liberal e em consequência da perseguição que se segue pelo regime absolutista, exila-se na Inglaterra e posteriormente na França, período em que faz grandes avanços nos estudos históricos.

Herculano tem sua produção mais conhecida em Lisboa quando passa a escrever contra os governantes no folheto *Voz do Profeta*, no ano de 1836. Mais adiante, no ano de 1837, ele continua com seu trabalho histórico-literário no jornal *O Panorama*. Dentro do jornal ele publica algumas de suas obras como *Lendas e Narrativas (1839)*, *O Bobo (1843)*, *O Monge de Cister (1848)*, entre outras. Sua carreira como escritor é marcada por especialmente por dois perfis: historiador e escritor literário.

O período histórico em que Herculano se insere é um momento de ruptura, em que a sociedade portuguesa passa por revoluções e conflitos. Após as invasões francesas, em que a família real deixa Portugal e transfere-se para o Brasil, Portugal vive um período em que os ideais iluministas que tomavam toda Europa passam, naquele momento, a desencadear um processo de desconstrução do status de sagrado da realeza monárquica. O Iluminismo trazia uma nova perspectiva que privilegiava a razão em detrimento da fé. Esses ideais deram maior prestígio à burguesia, que havia se fortalecido econômica e politicamente.

Antônio Saraiva e Oscar Lopes (1960) discutem aspectos que caracterizam a escrita de Herculano. Os dois trechos abaixo, presentes na *História da Literatura Portuguesa*, expressam algumas fortes marcas na literatura do autor. Um dos fatores importantes em sua literatura é a preocupação em torná-la não apenas uma arte contemplativa, mas consonante com a realidade, como uma ferramenta de ensinamento e aprendizado para os leitores. Sua personalidade historiográfica é encontrada também em obras literárias.

Semelhante a Victor Hugo, Herculano atribui a poesia uma função pública, doutrinária e intervencionista, e tenta também dar através dela expressão a contemporaneidade, versando temas de interesse político, social e religioso. (SARAIVA; LOPES, 1960, p. 742)

Ainda no mesmo texto, os autores tratam da linguagem utilizada por Herculano, linguagem que é marcada pelas formas clássicas e que utiliza diversos recursos linguísticos e sonoros e figuras de linguagem. Segundo os autores, estes recursos atenuam um tom profético constatável em sua narrativa. Utiliza um rico vocabulário para descrever minuciosamente às cenas, à paisagem, e o universo em que a obra se desenvolve.

Formalmente, ela justapõe o discurso solene e retórico insistindo num vocabulário evocativo do belo horrível, apocalíptico ou sepulcral,

usando circunlóquios eufemísticos e até certos recursos clássicos como o hipérbato, à expressão directa de ideias e fatos. (SARAIVA; LOPES, 1960, p. 742)

Após esta breve contextualização sobre o autor, sua escrita e o período em que ele principia sua produção, seguiremos tratando diretamente da obra *Eurico, o Presbítero*, na qual conheceremos o personagem que é um dos objetos dos nossos estudos, analisando suas características e procurando compreender por que razão ele se constitui de tal forma.

### **2.1. *Eurico, o Presbítero: amante-padre-cavaleiro***

A obra *Eurico, o Presbítero* foi publicada no jornal *O Panorama*, em 1844, e é um dos romances de maior destaque de Alexandre Herculano, consagrado como primeiro romance histórico português. O contexto da obra se passa no século VIII, período em que a Península Ibérica Visigótica estava sendo invadida pelos árabes. Alves (2012) faz uma síntese do cenário do texto.

Já em *Eurico, o Presbítero* o escritor adota como cenário a histórica invasão da Espanha visigótica pelos sarracenos de Tátik (711 d.C), que vai acarretar a queda do Império Godo, e o amor conflituoso de Eurico, um fidalgo que vivia na Corte de Witiza (penúltimo imperador da Espanha visigótica), por Hermengarda, Irmã de Pelágio e filha de Favila. (ALVES, 2012, p. 267-268)

Partindo do trecho de acima, o personagem Eurico, após retornar vitorioso de uma batalha, conhece uma moça chamada Hermengarda, filha de Favila, Duque de Cantábria, e se apaixona imediatamente por ela. Favila proíbe o casamento entre ambos pela diferença de classes sociais. A decepção amorosa o leva a afugentar-se na vida religiosa, desta forma ele torna-se presbítero no povoado de Cartéia. O texto retrata a história de um homem que, após o impedimento imposto ao seu amor, decide dedicar-se à vida religiosa.

Em sua vida eclesiástica, ele torna-se bastante solitário, no princípio é mal compreendido pelo povo de Cartéia, “[...] Cada qual tecia então sua novela ajudado pelas crenças da superstição popular: artes criminosas, trato com o espírito mau, penitência de uma abominável vida passada, e, até a loucura, tudo servia sucessivamente pra explicar o proceder misterioso do presbítero” (HERCULANO, 1844, p. 7). As coisas mudam quando, o hostiário, em um domingo, procurando pelo celebrante, o encontra adormecido sobre hinos e descobre portanto o mistério que ocupava sua mente. Quando torna público a composição dos cânticos religiosos que Eurico compunha, ele passa a ser aceito, reconhecido e admirado por outros membros da igreja e pelas pessoas de seu convívio.

Segue os votos fidedignamente, voltando-se para a fé e para caridade e busca amenizar sua dor, transformando-a em amor pela humanidade e em composições religiosas. Contudo, isto é insuficiente para apagar sua paixão por Hermengarda.

Comandados por Tárique, o exército árabe invade Cartéia, Eurico vê naquele cenário a oportunidade de exteriorizar sua raiva e frustração pelo amor que lhe é negado, em uma batalha em defesa de sua pátria. Retoma, neste momento, as propriedades de guerreiro, de quando lutava ao lado do companheiro Teodomiro, mas desta vez sozinho, entra na batalha como a figura enigmática do Cavaleiro Negro.

No desenrolar da trama, Hermengarda, fugindo de uma cidade assolada pela guerra, encontra abrigo no mosteiro da Virgem Dolorosa. Suintila, irmão de Atanagildo, enviado por Abdulaziz, propõe um gesto de misericórdia em troca das belas virgens que habitavam o mosteiro. O quingentário, indignado, recusa a proposta. Cremilde, a monja mestre do mosteiro, para evitar que as virgens fossem profanadas, as sacrifica. Porém, antes que pudesse aliviar o triste destino de Hermengarda, os soldados acompanhados por Abdulaziz matam a monja e levam a donzela consigo. Atanagildo sobrevive, vai a Pelágio, irmão de Hemengarda e o conta sobre os fatos. Ele levanta seu exército para buscar a irmã, mas o Cavaleiro Negro, que estava entre eles, se oferece para recuperá-la.

Eurico, como Cavaleiro Negro, e mais onze soldados vão em busca da donzela, invadem o acampamento dos inimigos, e depois de muitas adversidades, conseguem salvá-la. No esconderijo, o personagem se depara com a confissão do amor de Hermengarda, e então ele se revela Eurico. Estarrecido pela incompatibilidade entre os votos religiosos e o amor, Eurico entra em uma batalha suicida e não retorna. Por fim, Hermengarda acaba por enlouquecer após a morte do seu grande amor.

Em *Eurico, o Presbítero* podemos, através da análise, constatar alguns aspectos consonantes com os ideais românticos que foram constituídos pela configuração da estrutura social. Naquele cenário em que Portugal se encontrava em reestruturação da ordem política e social, a nova literatura possuía como função principal retomar as raízes históricas e instigar novamente o orgulho e a identidade lusitana. Assim, o contexto, em algumas passagens, passa a ocupar uma posição central na trama, intencionando investir em uma literatura nacionalista.

No texto de Hanna Oliveira (2021), é possível compreender como e com que objetivo o Romantismo se deu no cenário de Portugal, as características que marcam este movimento e o caráter nacionalista desta literatura que buscava ressignificar a identidade lusitana.

A partir da instauração do Romantismo em Portugal, principalmente na sua primeira fase com Almeida Garrett e Alexandre Herculano, a literatura portuguesa colocava-se como ponto de confronto, em que a subjetividade íntima do português fora posta em paralelo ao cenário político e ao contexto histórico da Nação. A busca por uma expressão puramente portuguesa, assim, se constituiu pela visão idílica de um passado como antítese ao desequilíbrio político contemporâneo. Dessa forma, por meio da renovação da literatura romântica, na primeira metade do século XIX, Portugal retoma o mito das origens em sua reafirmação enquanto potência soberana e grandiosa. (OLIVEIRA, 2021, p. 28)

O texto de Helena Buescu, que trata principalmente da criação dos personagens heróis construídos dentro dos romances, fala de uma forma bastante explícita e interessante dessas características que predominam nos textos deste movimento literário, criando uma certa “marca” que o identifica como parte deste acervo.

A defesa da liberdade da igualdade, a afirmação da capacidade evolutiva e constituinte do indivíduo enquanto tal, universo coerente de uma consciência uma mas também variada, como do mesmo modo, em nível social, o entendimento da Nação enquanto ser dinâmico, dotado e uma energia vital e transformadora, capaz de se assumir e afirmar. (BUESCU, 2016, p. 161)

Na fala de Buescu (2016), podemos observar a questão da retomada de uma identidade nacional que tem como ponto de partida a construção de sujeitos individuais com uma conduta coerente e uma personalidade íntegra, dando uma nova representatividade ao coletivo. O autor então cria o personagem Eurico, que se constitui como figura exemplar em todas as suas facetas, como presbítero ou como guerreiro em que fica explícito seu caráter e princípios impecáveis. A construção de Eurico foca principalmente no status moral do personagem. Desta forma, a narrativa propõe uma valorização do sujeito individual para expressar o fato de que os valores e princípios são próprios de cada sujeito, desta forma busca desconstruir os preconceitos sociais que predominavam naquela sociedade. Neste trecho do texto, podemos observar essa construção da personalidade e caráter de Eurico.

Mas Eurico era como um anjo tutelar dos amargurados. Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar onde a aflição se assentava; nunca os seus olhos recusaram lágrimas que se misturassem com lágrimas de alheias desventuras. Servo ou homem livre, liberto ou patrono, para ele todos eram filhos. Todas as condições se nivelavam onde ele aparecia, porque, pai comum daqueles que a Providência lhe confiara, todos para ele eram irmãos. (HERCULANO, 1844, p. 7)

No trecho transcrito acima é possível constatar em Eurico sua caridade e seus valores impecáveis, aspectos que explicitam uma valorização do sujeito individual.

Herculano se propõe a uma narrativa em que cria o personagem quase sobre-humano por sua condição moral superior. Com esta valorização do personagem de forma singular, o autor pretende exatamente propor um olhar mais otimista para a sociedade, objetivando a construção de uma identidade coletiva positiva, estimulando desta forma o sentimento de nacionalismo.

A autora Lélia Duarte, no texto *A estrutura mítica do herói em Eurico o Presbítero*, reforça também o caráter individual do personagem Eurico no movimento romântico como um mecanismo para reafirmar uma visão positiva da sociedade portuguesa. No trecho abaixo ela explicita este aspecto.

O Romantismo pretende fundar um novo mundo em que os valores sejam individuais e intrínsecos ao homem. Daí a importância de *Eurico, o Presbítero*, como herói, porque pretende justamente fazer valer as qualidades individuais, desconstruindo os preconceitos sociais. (DUARTE, 1979, p. 15)

A investidura de Eurico no sacerdócio se dá como uma fuga dos seus sentimentos. Como sua união com Hermengarda é negada pelo pai, Favila, Eurico se recolhe na vida eclesiástica como uma forma de justificar a impossibilidade de seu amor. Desta forma, o personagem busca na vida religiosa um refúgio. Como guerreiro, ele defende sua fé e a honra de sua pátria além de exteriorizar sua frustração amorosa. No texto de Helena Carvalhão Buescu, ela trata deste mecanismo utilizado por Eurico para sustentar a impossibilidade de vivenciar seu amor.

Assim, Eurico reservará para si duas esferas de ação que pode congrega de forma significativa: presbítero e guerreiro, a sua luta encontra, na dimensão religiosa e sagrada, uma justificativa simbólica que de qualquer outro ponto lhe é negada. (BUESCU, 2016, p. 164)

O romance é composto em um cenário histórico riquíssimo, reconstruindo o passado conflituoso de Portugal do século VIII. A narrativa toda desenvolve-se em um ambiente de luta, em um período em que a Península Ibérica era invadida pelos mulçumanos que tentavam conquistar sobretudo o império visigodo. Por este fato é que esta obra se caracteriza como romance histórico, pois retoma os acontecimentos históricos e fatos que marcaram a história de Portugal. O enredo que trata desses acontecimentos históricos que contextualizam o espaço e tempo são partes consideráveis do texto, ela ocupa uma extensão bastante significativa e muitas vezes este cenário histórico se torna protagonista, deixando os personagens em segundo plano.

A reconstrução espaço-temporal que o autor produz é um dos mecanismos utilizados para remontar este espírito nacionalista. Este fato é importante por duas razões:

primeiro por ser a característica que vai promover a narrativa de Herculano ao status de romance histórico, e em segundo por dar ao leitor informações da formação da sociedade portuguesa como nação católica.

No texto *Da Teoria do Romance ao Romance Histórico: a questão dos gêneros em G. Lukács* de Arlenice Silva (2001), podemos observar, através da definição expressa pela autora, como o gênero romance histórico surge e se constitui e o que o caracteriza como tal.

É portanto, na caracterização da evolução do gênero que o romance histórico aparece não como uma fórmula particular, mas como um desdobramento do romance social do século XVIII, que ata passado e presente em uma nova perspectiva épica, uma epicidade negativa. O “heroico” por sua vez, consiste nesta possibilidade de enfrentamento da realidade, onde o “pensamento fecunda-se em contato com as contradições do desenvolvimento social”. E onde a forma romance dialoga com seu critério figurativo, isto é, com o espaço real que o sujeito representa na sociedade. (SILVA, 2001, p. 53)

No texto de Maria de Fátima Marinho (1992), a autora expõe a forma como se constituía o cenário das obras de Alexandre Herculano e destaca esta característica marcante das narrativas do romance histórico em que o autor procura situar o leitor, contextualizando-o dos aspectos temporais e espaciais. Nestas obras, e em especial *Eurico, o Presbítero*, a descrição é rica em detalhes.

Basta abrirmos a obra do romancista de Herculano que logo encontraremos esses *topoi* que imediatamente nos situam no tempo e no lugar pretendidos. A indistinção espaço-temporal presente, por vezes, noutro tipo de textos está, por definição, portanto, excluída do romance histórico, de tal forma é aí importante aquilo a que vulgarmente se chama *cor local*. Sob esta designação, vamos encontrar um sem-número de elementos indispensáveis para a constituição de uma narrativa com as características que temos vindo a assinalar. (MARINHO, 1992, p. 105)

Após conhecermos um pouco sobre Alexandre Herculano, a obra e seu personagem padre-guerreiro, veremos a seguir o segundo padre que contemplaremos neste trabalho. Agora é o momento de entender a narrativa de Eça de Queirós no movimento Realista e a criação do padre Amaro.

### 3. EÇA DE QUEIRÓS E O MOVIMENTO REALISTA

O contexto do Realismo português é marcado pelo desenvolvimento de novos movimentos políticos e sociais, a propagação de um novo pensamento filosófico e acentuado desenvolvimento industrial na Europa. A ascensão da ordem liberal burguesa e a formalização de um novo pensamento político denominado socialismo também foram fatores que contribuíram influenciando para a formação de alguns dos escritores que produziram no estilo Realista. No texto de Rondinele Aparecido Ribeiro (2014), o autor sintetiza o desencadear do movimento.

A Europa assiste, em meados do século XIX, a uma forte reação à estética romântica. Dessa forma, artistas e escritores voltaram sua produção para uma linguagem capaz de retratar a realidade, enfocando aspectos cotidianos. Assim, o progresso definitivo das ciências e a industrialização e o florescimento de novas correntes filosóficas acabaram por criar um ambiente de hostilidade ao sentimento romântico. (RIBEIRO, 2014, p. 2)

Portugal, que pela perda do Brasil e pelos conflitos que marcaram o início do século, vivenciava uma crise econômica, passa a ocupar uma posição de atraso em relação aos outros países da Europa que já estavam mais modernizados industrial e culturalmente. Para amenizar os problemas econômicos que o país vivia, Portugal começa a investir na industrialização. No trecho abaixo, são explicitados as transformações ocorridas em Portugal no século XIX.

Significativas também foram as transformações ocorridas em Portugal. Essas se realizaram ora em consonância com o restante da Europa, ora em função das especificidades culturais, políticas e econômicas da sociedade lusitana. Na primeira metade dos oitocentos, no que diz respeito aos movimentos políticos, podem ser destacados: “as invasões francesas e a afirmação das ideias liberais, a revolução do Porto; o Cartismo e as reações absolutistas. (ROQUE; TORGAL, 1993, p.10 *apud* BRANDÃO; JÚNIOR, 2014, p. 72)

O Realismo surge então como um movimento que sucede e se contrapõe ao Romantismo. Na Europa, com o acentuado movimento industrial, houve um processo de massificação em que as disparidades sociais se tornaram ainda mais acentuadas e evidentes. Como efeito disso, começam a surgir discussões de cunho político, filosófico e sociológico suscitadas por pensadores e estudiosos como Hegel, Marx, Darwin, entre outros que passam a incidir nas produções literárias.

Um dos principais marcos do surgimento da tendência Realista em Portugal foi a *Questão Coimbrã* em 1865. Estudantes de Coimbra passam a confrontar suas ideias em relação a literatura através de correspondências abertas em que criticam os modelos dos

poetas ultrarromânticos. Compunham este grupo autores como Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Teófilo Braga, entre outros.

Assim, a *Questão Coimbrã* potencializara a busca por uma nova literatura que fosse efetiva no desenvolvimento de uma cultura moderna e de uma consciência coletiva. Por essa linha de pensamento, a literatura deveria, antes de qualquer coisa, colocar-se como ação questionadora, seja das formas e estilísticas, seja das ideias, políticas e costumes. É exatamente a partir dessas questões que se inicia em Portugal, em meados do século XIX, o movimento realista, principalmente com a criação do grupo denominado *Geração de 70*, o qual era composto por nomes como Eça de Queirós, Oliveira Martins, Jaime Batalha Reis, Salomão Sáragga e Ramalho Ortigão, além dos precursores da *Questão Coimbrã*, Antero de Quental e Teófilo Braga. (OLIVEIRA, 2021, p. 34)

Posteriormente, este grupo de intelectuais e estudiosos passaram a ser designados como *Geração de 70*. Promoveram as *Conferências Democráticas do Casino Lisbonense* (1871), objetivando discutir dilemas do liberalismo nacional que se constituíam de questões políticas, sociais, religiosas e literárias.

Em meio a tendência de revisão crítica dos desdobramentos do liberalismo, Eça de Queirós juntamente com outros membros da geração de 1870, desenvolveu uma produção literária noticiosa que tinha como objetivo refletir sobre os rumos da sociedade portuguesa. Entre às questões que Eça mais procurou debater, pode-se destacar a temática da religião. (BRANDÃO; JÚNIOR, 2014, p. 73)

O movimento literário concebido como Realismo se caracterizava por instituir uma literatura que retrata objetivamente, ou seja, diretamente, as cenas reais do cotidiano da sociedade por um olhar crítico. Nas palavras de Rondinele Ribeiro (2014, p.3), “Pode-se pontuar, então, que a literatura recorre ao cientificismo e ao grotesco para tecer um retrato fiel da sociedade”, ou seja, utiliza uma linguagem que predomina o verossímil e em que são expostas as mazelas da sociedade.

Assim surge o Realismo, uma literatura antirromântica que foi marcada pela *Questão Coimbrã*, em que diversos escritores e estudantes confrontavam suas ideias. Esta tendência propunha diversas críticas ao atraso de Portugal em relação ao resto da Europa, a sociedade monárquica e ao clero. Apresentava uma linguagem mais objetiva e opção por cenas mais próximas da realidade e cotidiano da sociedade portuguesa.

Eça de Queirós foi um dos escritores mais relevantes do Realismo pela construção de obras que expunham ricamente os detalhes da sociedade portuguesa oitocentista nas relações sociais, políticas e religiosas. Em seus anos de trabalho, foi redator de revistas renomadas, constituindo-se sempre como questionador e crítico.

José Maria Eça de Queiroz nasceu em 25 de novembro de 1845 e, por ser filho de uma união ilegítima, nos primeiros anos de vida foi criado por uma humilde família de Vila do Conde e mais tarde passa a viver com o avô. Em 1855, com a morte do avô, é internado no Colégio da Lapa. Inicia seus estudos no campo das leis em Coimbra no ano de 1861. Seus primeiros textos foram publicados na *Gazeta de Portugal*, quase no término de sua formação acadêmica. Parceiro de Antero e Teófilo, esteve comprometido juntamente a eles em movimentos sociais estudantis que buscavam uma literatura inovadora e crítica, que rompia com a tradição romântica.

Eloi Tinks (2012) em seu artigo pontua, de uma forma bastante clara e resumida o início da produção literária de Eça e as demais fases do autor.

Seus primeiros textos literários são folhetins publicados de 1866 a 1867 na *Gazeta de Portugal* e compiladas posteriormente em 1893 no volume *Prosas Bárbaras*. Percebe-se um intervalo na produção desses folhetins entre janeiro e outubro de 1867, período no qual se dedicou à redação do Distrito de Évora, deixando de lado a atenção ao lirismo e humor, e focando sua produção integralmente na atividade crítica e doutrinária de cunho democrático, para defender os assalariados, denunciar a demagogia eleitoral, entre outros setores. De forma mais irônica, através da ficção e crônicas mordazes, criticou a sociedade portuguesa do século corrente. (TINKS, 2012, p. 2)

Em suas obras podemos constatar uma grande influência de autores como Émile Zola e Gustave Flaubert que também se expressavam através de uma literatura crítica e dedicada não apenas à produzir uma arte contemplativa, mas uma literatura que pudesse ser usada como ferramenta de intervenção social. Em diversas obras, principalmente em *O Crime do Padre Amaro*, Eça demonstra uma forte vertente do naturalismo, em que ressalta aspectos intrínsecos ao homem em que suas ações são conduzidas por uma espécie de instinto que o manipula.

Sua produção é toda marcada por este caráter crítico, que tem como centro questões da contemporaneidade, analisando os problemas sociais de Portugal com um olhar que aproxima o leitor das cenas do cotidiano da forma mais verossímil possível. Explorando o texto de Tinks (2012), encontramos este fator crítico determinante nas produções de Eça e as críticas que se estendem a outros setores além do clero, economia e a política.

Sua crítica teve como alvo praticamente todos os setores da sociedade lisboeta da época. Além dos mencionados, não escapam também a imprensa, a poesia, o romance sentimental, o teatro, os agentes econômicos. Mostrou especial preocupação com a deficiente educação das mulheres da burguesia lisboeta, segundo ele, só preparadas para o

casamento rico, a ociosidade no reduto do lar, cujos encargos cabiam totalmente às criadas ou amas; à beatice a as fantasias sentimentais, sendo esse tema não apenas objeto do primeiro artigo, mas de outros posteriores, o que determinará a importância que o adultério ou desatino feminino teria na literatura queirosiana. (TINKS, 2012, p. 3)

Em sua carreira, vemos dois períodos de produção distintos. No texto *Entre campo e cidade* (1964), Candido discute esta questão. A primeira fase sua produção se caracteriza por uma voz urbana que menospreza o rural, intitulado-o como ultrapassado e proferindo também críticas severas à sociedade, à imprensa, à poesia, ao romance e principalmente ao clero. Já na segunda fase, visualizamos a incorporação de uma voz rural, em que há um apassivamento em sua escrita e o aparecimento de uma certa aceitação da realidade. Hanna Oliveira faz uma análise bastante coerente deste aspecto “A ironia queirosiana, dessa forma, ultrapassa a esperança de denúncia e renovação, mas ao contrário disso, atingira uma artilosa aceitação da (não) ação num conjunto social que há muito estaria fadado ao fracasso” (2021, p. 124).

A criação da obra *O Crime do Padre Amaro* se deu em um período em que Eça é designado para a função de administrador do conselho da cidade de Leiria. A apreciação das cenas do cotidiano social daquela cidade inspiraram a produção do texto que lhe rendeu muitas discussões ao apontar críticas ao clero. Adiante iremos conhecer o contexto desta obra.

### **3.1. Discutindo a obra “*O Crime do Padre Amaro*”**

Na obra *O Crime do Padre Amaro*, o autor Eça de Queirós traz diversas críticas temporais que vão desde os valores na criação, aos moldes da sociedade burguesa e, sobretudo ao clero. Suas críticas aparecem pela voz do narrador onisciente, que reproduz os pensamentos e desejos dos personagens e também na narrativa de algumas cenas em que os diálogos e ações comprovam a decadência dos costumes e valores éticos e morais.

Esta obra narra a história de Amaro, um homem que é conduzido ao seminário sem possuir nenhuma vocação. Filho de uma criada da casa da Marquesa Alegros, após a morte da mãe, permanece na casa sendo educado pela Marquesa. As pessoas de sua convivência e que frequentavam a casa notam que seu perfil, tímido, medroso, compassivo e acanhado, denota uma vocação para a vida religiosa. Vendo tais características, que na concepção da Marquesa seriam próprias de um sacerdote, ela deixa-lhe fundos póstumos para custear seus estudos e estadia no seminário. Apesar de tal fato, ele desde cedo apresenta desejos pelas mulheres e aprecia a convivência entre

elas. Após a morte da benfeitora, o menino passa a viver na casa dos tios onde é tratado com desprezo e passa a ansiar pela vida no seminário.

Aos quinze anos Amaro, de fato, vai para o seminário e lá acaba por perceber que a realidade era muito diferente do que imaginara. Grande parte dos colegas, assim como ele, não possuía vocação e ambicionava uma realidade bastante diferente, cheia de luxo e fartura e regada de mulheres. Desde os anos iniciais nota-se o distanciamento de Amaro dos princípios vocacionais e a tensão sexual que cresce gradativamente.

Recém-formado, é enviado a um povoado simples e monótono e busca, através de conhecidos, auxílio para se transferir para outra paróquia. Com ajuda de algumas influências políticas, acaba por ser enviado a Leiria, onde o Cônego Dias, um mestre do seminário, lhe arruma uma estalagem na casa de dona Joaneira. Dona Joaneira é uma viúva que secretamente mantém um romance com o Cônego Dias. Ela possui uma filha, Amelinha, uma moça jovem, religiosa, ingênua e de boa aparência, que mora com a mãe no convívio com outros padres. Ela é noiva de João Eduardo, e apesar de não o amar, aceita o compromisso por lhe considerar um “bom partido”. Logo no primeiro momento já se estabelece uma atração entre o padre e Amelinha.

Ao longo da narrativa a tensão sexual entre os personagens vai aumentando gradativamente. O padre não se esquiva de tais sentimentos, nem mesmo se sente arrependido por confrontar seus votos eclesiásticos. O noivo, João Eduardo, começa a perceber a estranha relação entre Amélia e Amaro e, revoltado, escreve um artigo onde expõe as imoralidades nos comportamentos e atitudes dos padres, sem denominar quem são. Isto faz com que Amaro procure nova moradia e se afaste da casa, no entanto José Eduardo é descoberto e Amélia cancela o casamento.

Amaro e Amelinha passam a se encontrar na casa do sineiro com o pretexto de que Amélia iria ensinar leitura à filha do tio Esguelheas, Totó. A moça passa a sentir culpa e a ter pesadelos, mas mesmo com todo remorso, continua o romance proibido. No desenrolar dos fatos, Amelinha acaba por engravidar do padre. Amaro busca o ex-noivo para assumir a criança e se casar com a moça, no entanto ele está no Brasil e o plano falha. Com a ausência de dona Joaneira e as beatas, o ambiente se torna propício para que o padre Amaro, com o auxílio do Cônego Dias, crie um plano para se livrar da prova do caso entre os amantes. Desta forma, levam Amélia para um local mais afastado da cidade onde a menina passa a gestação e o parto. Amaro contrata uma “tecedeira de anjos” para ficar com o filho. Amelinha, após o parto, tem o filho arrancado dos braços e, horas depois, morre com uma hemorragia. O padre entrega o filho à mulher, orientando-a que

a criança deveria continuar viva. Ao saber da notícia que Amélia havia morrido, ele vai em busca do filho, porém ele já havia sido morto. O padre Amaro acaba mudando-se para outra paróquia e continua sua vida como sacerdote sem maiores problemas depois do trágico fim da amante e do filho.

O primeiro aspecto a ser discutido é a maneira como se dá a entrada de Amaro para o seminário. Logo jovem, fica explícita a nítida falta de vocação de Amaro que apreciava a presença e companhia feminina e como expresso pelo narrador, não possui vocação, mas ao perceber a boa vida que os padres possuíam não se esquivou e aceitou facilmente. Tornando-se assim um padre não pela devoção ou fé, mas pelas conveniências que aquela vida poderia proporcioná-lo.

Nunca ninguém consultara as suas tendências ou a sua vocação. Impunham-lhe uma sobrepeliz; a sua natureza, facilmente dominável aceitava-a, como aceitaria uma farda. De resto não lhe desagradava ser padre. Desde que saíra das rezas perpétuas de Carcavelos conservara o seu medo do inferno, mas perdera o fervor pelos santos: lembravam-lhe porém os padres que vira em casa da senhora marquesa, pessoas brancas e bem tratadas, que comiam ao lado das fidalgas, e tomavam rapé em caixas de ouro; e convinha-lhe aquela profissão em que se cantam bonitas missas, se comem doces finos, se fala baixo com as mulheres, - vivendo entre elas cochichando, sentindo-lhes o calor penetrante - , e se recebem presentes em bandejas de prata. (QUEIRÓS, 2017, p. 27-28)

Na obra, as críticas aos hábitos e costumes são bastante explícitas do princípio ao fim. Eça, em sua narrativa, expõe em uma linguagem objetiva, ou seja, bastante clara e direta, os hábitos e costumes dos habitantes de Leiria. O texto é rico em trechos em que expõem a atividade dos padres que, sem nenhum pudor, usam de sua influência pela fé para manipular e controlar as pessoas para ter benefícios. Já no princípio da obra, ao retratar o cônego Dias, o narrador expõe alguns fatos que demonstram a incoerência na postura do personagem.

O cônego Dias passava por ser rico; trazia ao pé de Leiria propriedades arrendadas, dava jantares com peru, e tinha reputação o seu vinho *duque* de 1815. Mas o fato saliente da sua vida - o fato comentado e murmurado - era a sua antiga amizade com Sra. Augusta Caminha, a quem chamava a S. Joaneira [...]. (QUEIRÓS, 2017, p. 13)

Tinks (2012) demonstra a forma como o autor explicita essas críticas ao clero retomando uma das cenas do texto. Nela, o narrador expõe como os padres, por meio de sua influência religiosa, apropriam-se desse “poder” para benefício próprio. O trecho demonstra a incoerência das atitudes dos padres com os princípios a que eles deveriam seguir sendo religiosos.

Avulta no *O Crime do Padre Amaro* ingredientes explícitos de sátira anticlerical como no banquete que reúne padres de toda região circunvizinha de Leiria. Nesse encontro de religiosos, Amaro, ainda novo na cidade, se depara com as mais indignas manifestações dos presentes: cinismo, insensibilidade desumana, violência inquisitorial. Após alguns generosos goles de vinho, o verbo se solta entre os cléricos, cada um relatando experiências diversas para obter favores e dinheiro para sua paróquia. (TINKS, 2012, p. 4)

Na palestra inaugural das *Conferências do Casino Lisbonense* em 1871, que possuía como título *Causas da Decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos* e que foi proferida por Antero de Quental, são discutidos aspectos da decadência moral da sociedade e especialmente do clero relacionadas ao *Concílio de Trento*. Desta forma, vemos as críticas levantadas nas conferências sendo personificadas na obra de Eça.

Em *O Crime do Padre Amaro* o jovem Eça de Queirós, apenas quatro anos após às Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, lançou mão de uma obra que tratava diretamente das ambições, corrupções e hipocrisias dos membros de baixo e alto escalão da Igreja Católica de tais consequências desses atos. (OLIVEIRA, 2021, p. 60)

Outro aspecto questionado através da narrativa de Eça era o modelo de educação, especialmente o feminina, na sociedade burguesa. A mulher era criada apenas para o casamento, sem sobretudo desenvolver habilidades de convivência com o sexo oposto. Tinks (2012), ao retratar a personagem Amélia, demonstra a sátira contida na construção de sua personalidade reforçando o ponto de vista do autor.

Amélia é a personificação dos desejos sexuais reprimidos em Amaro: bela, simples, despida de formação moral mais sólida, tem como exemplo a mãe, cuja conduta não é nada edificante aos olhos da moral. A falta de práticas modeladoras da comportamento a sua frágil formação de personalidade fazem-na escrava dos desejos da carne, que diante das reflexões de sentimento de culpa se agigantam, suplantando as últimas. Seus argumentos introspectivos contra a tentação de se entregar aos braços de Amaro são sempre frágeis [...]. (TINKS, 2012, p. 5)

Segundo Cândido, em *Entre o campo e a cidade*, os personagens de Eça vão além da personificação individual. Para realçar a crítica social a que ele pretende, Eça constrói personagens que representam o coletivo, ou seja, tornam-se um tipo social, com características comuns para ressaltar o tom crítico do autor em relação ao corpo social.

Cada personagem deixará de ser apenas personagem para transformar-se em paradigma, encarnar um tipo social e louvar ou combater (...) essa simplificação limita a humanidade dos personagens, mas reforça a intensidade do problema, e portanto, desse romance eminentemente social, de oposição e de combate. (CANDIDO, 1964, p. 34-35)

A obra *O Crime do Padre Amaro* é toda narrada pela voz de um narrador onisciente, que por sua vez explicita ao leitor os sentimentos e sensações dos personagens. As descrições das cenas são o ponto alto da trama, e podemos constatar uma linguagem objetiva, ou seja, sem rodeios, construindo as cenas e os cenários sem marcas que expressem sentimentalismo ou figuras de linguagem. Desta forma, o leitor tem uma visão panorâmica através da descrição das cenas e das interações e reflexões pessoais.

A paisagem e contexto em *O Crime do Padre Amaro* é narrada de forma bastante enxuta, somente para situar o leitor. O autor prioriza a narrativa das cenas em que se constata as mazelas sociais e a literatura torna-se mais comprometida em explicitar críticas aos comportamentos e valores da sociedade oitocentista. No realismo, este caráter dialógico entre a obra e realidade é muito comum, tornando-se uma das marcas mais evidentes.

O crime do Padre Amaro contém ingredientes de óbvia sátira anticlerical; [...] um laudo banquete de padres em que Amaro, a debater-se ainda com seu conflito interno, conhece vários espécimes de bruteza, cinismo, acomodação astuta, cupidez, insensibilidade desumana e violência inquisicional reprimida em colegas da sua diocese. (SARAIVA E LOPES, 1960, p. 867).

Neste momento, um pouco mais contextualizados sobre autores e obras, iremos discutir diretamente os personagens, confrontando suas características e singularidades para, desta forma, compreender o motivo pelo qual eles se constituem de tal maneira e o que tais características representam dentro de cada movimento literário.

#### 4. EURICO E AMARO, DO HERÓI AO ANTI-HERÓI

Em ambas as obras, podemos nitidamente constatar diversas diferenças entre os personagens centrais e disparidades em suas personalidades. Este confronto entre as características deve-se às influências das tendências literárias de seu tempo. O padre de Herculano é caracterizado por ser modelo de virtude, e sem poder vivenciar sua paixão ele destina o amor que sentia por Hermengarda à humanidade e à cristandade. No trecho da obra veremos como e com que postura ele assume a nova existência.

A nova existência de Eurico tinha modificado, porém não destruído o seu brilhante caráter. A maior das humanas desventuras, a viuvez do espírito, abrandara, pela melancolia, as impetuosas paixões do mancebo e apagara nos seus lábios o riso do contentamento, mas não pudera desvanecer no coração do sacerdote os generosos afetos do guerreiro, nem as inspirações do poeta. O tempo havia santificado aqueles, moldando-os pelo evangelho, e tornando estas mais solenes, alimentando-as com as imagens e sentimentos sublimes estampados nas páginas sacrossantas da Bíblia. O entusiasmo e o amor tinham ressurgido naquele coração que parecera morto, mas transformados; o entusiasmo pela virtude; o amor em amor pelos homens. (HERCULANO, 1844, p. 6-7)

É possível constatar, no trecho acima destacado da obra, que Herculano constrói um personagem de conduta modelar em todas as esferas de ação, ou seja, Eurico se comporta de forma íntegra em todas as nuances de seu perfil, seja como guerreiro em que demonstra uma vertente nacionalista ao defender sua pátria; como presbítero quando se consome por completo na vida eclesiástica, dedicando-se integralmente ao ofício sagrado; e como amante em que, por não poder vivenciar seu amor sem ferir os votos religiosos, entrega-se à morte.

O narrador retrata sua figura como melancólica, solitária, pessimista e deprimida, que mesmo diante das decepções, permanece firme em sua ideologia e valores. No entanto, mesmo dedicando-se ao máximo ao ofício religioso, não consegue esquecer sua paixão por Hermengarda.

O desfecho de Eurico é um dos aspectos que reforçam o título de herói da narrativa. Ao se surpreender com a declaração em que Hermengarda expressa seu amor, Eurico se vê em um empasse entre os anseios do homem e o compromisso com a religião. Diante disso, ele vai para batalha com a intenção de entregar-se a morte como forma de sacrifício para se redimir e também por não poder permanecer naquela existência sem poder usufruir da paixão que o internalizava.

Herculano é um escritor romântico, portanto Eurico segue os moldes da escrita romântica em que as produções apresentavam a figura de um herói nacional, virtuoso, corajoso e honrado, a exaltação da religião e uma linguagem subjetiva. Em um período histórico em que os conflitos depreciavam a imagem da pátria, os escritores românticos, assim como Herculano, através da imagem do herói buscavam estimular o sentimento de nacionalismo. No texto observamos diversas marcas do romantismo no personagem, como: a interiorização do eu representando a melancolia, o sofrimento, a tristeza da alma. Apesar da personagem Hermengarda pouco aparecer na trama, o eu lírico a retrata e idealiza com uma visão quase devocional. A cena de amor impossível, não consumado, em que se cria uma tensão amorosa que agoniza, é também uma forte marca dos textos românticos.

Nesse sentido, os escritores românticos acabam por rubricar um novo significado para as paixões humanas: a expressão “amor romântico” traduz tanto exclusividade, profundidade e intensidade, quanto a desmedida afetiva que em geral leva a um final comovente. (FURLAN, 2012, p. 22)

Neste paralelo, podemos visualizar a imagem do padre que aparece nas duas obras, sendo cada uma consonante com uma proposta diferente. Alexandre Herculano faz uma narrativa que retrata o século VIII, retomando a historicidade como meio de valorização das raízes históricas do povo português. O Romantismo português aparece assim como no resto da Europa, com influências dos ideais iluministas de liberdade artística, ou seja, que vão em contrapartida aos princípios do arcadismo e de seu modelo pré-definido que limitava o processo criativo, designando que a literatura deveria atender a certos padrões. Assim Herculano, com seu romance histórico, traz uma narrativa subjetiva, interiorizada, em que há uma evidente valorização das cenas e da natureza.

Já o padre de Eça surge de forma contrária, um padre sem valores morais sólidos ou princípios modelares, que não se importa de usar argumentos pautados na fé para persuadir às pessoas à sua volta como forma de conseguir benefícios pessoais. Identifica no sacerdócio uma série de benefícios que o convencem a se dirigir para esta vida. Em um dos trechos do texto Marcela Brandão e Virgílio Junior (2014), os autores fazem uma síntese dessas características que marcam o personagem através de trechos da obra.

Amaro foi criado em um ambiente beato e feminino, já que desde muito novo sob os cuidados da marquesa d'Alegros, senhora marcadamente religiosa e mãe de duas filhas. Na casa da marquesa, Amaro era visto pelas criadas como “um mosquinha morta”, o “padreca”, que “nunca brincava, nunca pulava ao sol. Estava constantemente metido nos

quartos das criadas, remexendo as gavetas (...). Era extremamente preguiçoso (...) numa sonolência doentia”. Aos 11 anos já ajudava na missa limpando a apela. Ele colocava os santos m cima da mesa “beijando-os com ternuras devotas e satisfações gulosas” (QUEIROZ, 1889, p. 29-30). Em meio à carolice e aos mimos das criadas da casa e das filhas da marquesa, Amaro seria marcado por uma personalidade fraca e doentia. Ele é descrito como afeminado e teria desenvolvido uma espécie de perversão, explicitada por meio de sua felicidade ao contemplar a nudez das bonecas nas vitrines das lojas, ou ao imaginar cenas eróticas pela observação das imagens de santos. (BRANDÃO; JÚNIOR. 2014, p. 77-78)

O Padre Amaro de Eça de Queirós é um tipo social que expõe uma crítica principalmente ao clero. Desta forma, é um padre com desvios de conduta que escolhe o seminário pela conveniência da vida eclesiástica cheia de luxo, conforto e fartura. O Realismo é uma tendência literária que propõe discussões comprometidas em explicitar as mazelas sociais e em tornar a literatura comprometida com a realidade e com os problemas da sociedade, em uma linguagem que aproxima o leitor das cenas do cotidiano.

O desfecho da obra salienta ainda mais a crítica especialmente direcionada ao clero. Com o fim trágico de Amelinha, que morre após dar à luz, e do filho, que é assassinado por uma “tecedeira de anjos”, Amaro segue normalmente a vida, sem maiores problemas, e ainda ironiza, em um dos trechos finais a questão de apenas confessar mulheres casadas.

Então junto deles passaram duas senhoras, uma já de cabelos brancos, o ar muito nobre; a outra, uma criaturinha delgada e pálida, de olheiras batidas, os cotovelos agudos colados a uma cinta de esterilidade, *pouff* enorme no vestido, cuia forte, tacões de palmo.

\_ Cáspite! - disse o cônego baixo, tocando o cotovelo do colega. – Hem, seu padre Amaro? ... Aquilo é que você queria confessar.

\_ Já lá vai o tempo, padre-mestre – Disse o pároco rindo, já as não confesso senão casadas! (QUEIRÓS, 2017, p. 392)

Eça de Queirós na obra *O Crime do Padre Amaro* retrata um padre completamente oposto ao de Herculano. Autor de obras realistas, ele utiliza a figura do padre para inferir uma crítica ao clero. No Realismo, convencionalmente se pode constatar alguns pontos que são bastante característicos desta tendência literária. A escrita é bastante objetiva e clara, não é comum a presença de figuras de linguagem ou passagens onde o personagem se expresse em discurso direto. Os personagens são criados como tipos sociais, ou seja, são como a representação de um coletivo que apresenta determinados aspectos morais e características comuns. Diferente do amor idealizado de Eurico, Amaro tem um caso consumado com Amelinha e não possui sentimentos de arrependimento ou culpa por

contrariar os votos eclesiásticos, ou por arruinar a vida da jovem e ser responsável por duas mortes.

## 5. CONCLUSÃO

Como constatável, os padres, objetos deste trabalho, são bastante distintos, a começar pela razão pela qual eles escolhem a vida religiosa, Eurico, pela decepção amorosa e Amaro, por conveniência. Nos textos, ambos assumem de forma diferente o celibato: Eurico de maneira idônea e comprometida e Amaro colocando suas preferências e vontades acima dos votos religiosos. Eurico, que tem a autoria de seus cânticos descobertos pelo hostiário enquanto dormia, logo se torna modelo de virtude e honra para os aldeões e outros companheiros de sacerdócio. Amaro, através de influências políticas consegue uma transferência para outra paróquia em que logo de início se adapta.

O padre de Herculano procura destinar o amor impossível que sente por Hermengarda à humanidade. O amor é idealizado e em nenhum momento ele estabelece um romance com a irmã de Pelágio. Apresenta-se como figura exemplar, nas batalhas luta corajosamente em defesa da fé e de sua nação. Apesar de sua paixão e dos conflitos internos que vivencia, segue o mais fidedignamente possível os princípios religiosos. Como forma de redimir-se por não poder cumprir seus votos, ele se entrega à morte voluntariamente.

Amaro já se compõe como o oposto, desde sua formação dentro do seminário não se dispõe em reprimir seu desejos carnis. Na cidade de Leiria, onde outros membros da igreja explicitam uma postura pessoal controversa aos princípios do sacerdócio e em que o cônego Dias mantém um caso com a proprietária da hospedaria dona Joaneira, ele sente-se estimulado a vivenciar estes sentimentos. Desta forma, Amaro, ao perceber as atitudes dos demais membros da igreja de sua convivência, pensa ter um consentimento interno ao afloramento dos instintos e desejos que possui. Amaro estabelece consumadamente um caso com a personagem Amelinha.

Eurico e Amaro são exatamente o oposto um do outro, este fato se dá por ambos terem se caracterizado com objetivos completamente diferentes, aproximando-se mais das convenções literárias de seu tempo. Eurico, de Alexandre Herculano, se compõe como um padre-herói com uma índole e personalidade admiráveis, o autor utiliza o personagem como mecanismo para propor um estímulo para a autoestima social, objetivando suscitar o sentimento de nacionalismo.

Amaro, padre de Eça de Queirós, apresenta-se como um padre sem princípios, que encarna um tipo social para apresentar a crítica do autor a diversos setores da sociedade portuguesa oitocentista, e em especial ao clero. A escrita de Eça propõe uma literatura

empenhada em expor cenas do cotidiano, ressaltando aspectos negativos da sociedade, como forma de apresentar mazelas sociais em uma perspectiva crítica. Portanto, cria a figura do anti-herói na narrativa para expor a decadência dos hábitos e valores do corpo social e dos membros da Igreja.

Ambos os autores utilizam a narrativa e os personagens padres para estabelecer um diálogo com a esfera social. Alexandre Herculano usa Eurico para ressaltar aspectos positivos no indivíduo como forma de estimular o espírito patriótico. Já Eça de Queirós constrói Amaro para manifestar diversas críticas em relação a sociedade. Portanto, ambos a sua maneira tornam sua literatura uma ferramenta de intervenção no meio social.

A comparação de ambas as figuras nos permite constatar como autores do mesmo século, mas de tendências diferentes, assumem posições distintas na criação do personagem padre com propósito de evidenciar um determinado posicionamento frente à sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Murilo. **Eurico, o presbítero**: o sacerdote-guerreiro entre a literatura e a história. 49. ed. Maceió: Leitura, 2012. p. 263-287. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/954/628>

BRANDÃO, Marcela de Sá; JÚNIOR, Virgílio Coelho de Oliveira. **Por uma estética da conciliação**: O Crime do Padre Amaro e a dinâmica político-social portuguesa oitocentista. Maringá: Diálogos, v. 18, 2014. P. 67-102. Recuperado de <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33867>

BUESCU, Helena Carvalhão. **Alexandre Herculano**: heróis públicos. Revista Brasileira, fase VIII, ano V, nº 87, 2016. p. 161-169. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34746/1/REVISTA\\_BRASILEIRA\\_BUESCU.indb.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34746/1/REVISTA_BRASILEIRA_BUESCU.indb.pdf)

CANDIDO, Antônio. **Entre campo e cidade**. In: Tese e Antítese. São Paulo: Nacional, 1964. p. 31-56.

DUARTE, Leila. **A Estrutura Mítica do herói em Eurico, o Presbítero**. Revista de Letras, vol.1 - nº 3, 1979. p. 14-25. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/2949>

FURLAN, Stélio. Literatura portuguesa II: 5º período. 2. ed. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&coobra=16521](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=16521)

MARINHO, Maria de Fátima. **O Romance Histórico de Alexandre Herculano**. 1992. p. 97-117. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8769/2/2643.pdf>

MOTA, Aline Leal. **Anticlericalismo em mutação**: as três versões de “O Crime do Padre Amaro” (1875-1876-1880), de Eça de Queirós. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

NERY, Antônio Augusto. **Eça de Queirós por Antônio Cândido**: “Entre campo e cidade”. Línguas e Letras, v. 7, 2006. p. 9-22. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/73-213-1-PB.pdf>

OLIVEIRA, Hanna Andressa do Carmo Furtado. **No traço da fantasia, despir o real**: uma análise sociológica do Realismo de Eça de Queirós. Promel: São João Del Rei, 2021.

QUEIRÓS, José Maria de Eça. **O Crime do Padre Amaro**. 2. ed. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2017.

QUENTAL, Antero de. Causas da decadência dos povos peninsulares. 5. ed. Ulmeiro: Lisboa, 1987. p. 7-69. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3014354/mod\\_resource/content/1/AnteroCausa sdaDecad%C3%A2ncia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3014354/mod_resource/content/1/AnteroCausa%20daDecad%C3%A2ncia.pdf)

RIBEIRO, Rondinele Aparecido. **Amaro: O Anti-herói Naturalista**. Porto Velho (RO): Revista Igarapé, vol. 4, 2014. p. 1-12. Disponível em: <https://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/1139>

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17. ed. Porto Editora, 1960.

SILVA, Arlenice Almeida da. **Da Teoria do Romance ao Romance Histórico: a questão dos gêneros em G. Lukács**. 1. ed. São Paulo: Rapsódia, 2001. p. 29-53. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/106318>

TINKS, Elói André. **A crítica de Eça de Queirós ao clero e à sociedade lisboeta oitocentista**. Porto Alegre: Nau literária, v. 8, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/32054/23831>